

AMOR, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM CERIMÔNIAS DO ESQUECIMENTO

ABOUT LOVE, OBLIVION AND MEMORY IN THE
NOVEL CERIMONIAS DO ESQUECIMENTO

Everton Almeida Barbosa¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo fazer reflexões sobre a memória e o esquecimento no romance *Cerimônias do Esquecimento*, de Ricardo Guilherme Dicke, a partir de um episódio específico do romance: o discurso de uma prostituta sobre o amor. A ênfase, a partir de Jacques Le Goff, Marcel Detienne e Pierre Janet, é a seletividade da memória e a verdade como produto da relação entre revelação e ocultação. Vinculada a esta, outra dualidade estabelecida é entre o natural e o social, constituído pela memória. A ideia aqui é, a partir do discurso sobre o amor carnal, vincular o esquecimento ao domínio do natural, sendo este o âmbito do instinto latente que influencia e subverte manifestações complexas e hipócritas da sociedade.

Palavras-chave: memória, esquecimento, hipocrisia.

Abstract

This paper aims to think about memory and oblivion in the novel Cerimônias do Esquecimento, of Ricardo Guilherme Dicke, from a specific episode: a speech of a prostitute about love. The paper emphasizes memory selectivity and the truth as a product from the relationship between covering (conceal) and uncovering (reveal), following the ideas of Jacques Le Goff, Marcel Detienne and Pierre Janet. Linked to that duality, another one is pointed between natural and social, constituted by memory. The idea is, from the speech about carnal love, to relate oblivion to the natural field, which means to say that natural field is the context of latent instinct that has influence on and subverts complex and hypocritical social constructions.

Keywords: memory, oblivion, hypocrisy.

¹ Doutora em Estudos Literários. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Tangará da Serra. E-mail: everton@unemat.br

Ricardo Guilherme Dicke é um romancista de Cuiabá/Mato Grosso, falecido em 2008, depois de uma carreira literária de 40 anos. Ganhou prêmios nacionais com a maior parte de seus livros, desde o primeiro, *Deus de Caim*, publicado em 1968, até *Cerimônias do Esquecimento*, de 1995. Publica outros dois romances posteriormente e alguns textos curtos ainda vêm sendo publicados após sua morte. Sua narrativa é densa, com predominância de períodos longos e mesclando teores psicológico, filosófico e mítico. Esses aspectos revelam a forte influência de sua formação acadêmica em Filosofia. No entanto, Dicke submete essas referências à observação de seu próprio local, o que acaba por angariar indicações de regionalismo para sua obra. Todas essas características podem ser vistas no romance *Cerimônias do Esquecimento*, objeto deste artigo.

A história se passa em Cuiabá, nos limites entre cidade e sertão. Seus personagens são predominantemente indivíduos marginais na sociedade mato-grossense: um mendigo dois índios cegos violeiros, um ferreiro, uma prostituta, um professor demitido, um louco, dentre outros. A narrativa trata de um rito de passagem, ao fim do qual a humanidade sofre uma grande transformação positiva, superando uma era de misérias e sofrimento. Pessoas estão reunidas num bar chamado “Portal do Céu”, bebendo e aguardando a hora da transição. Durante a “Noite da Predestinação” (que se passa num tempo incontável, fato marcado no relógio parado de uma das personagens), os frequentadores do bar ouvem os dois violeiros cegos que proferem premonições acerca da proximidade do “fim do mundo”, da proximidade do momento em que a transformação acontecerá. Um desses frequentadores é Rosaura do Espírito Santo, uma famosa prostituta da região que, em determinado instante, levanta-se e profere um discurso “há muito secretamente esperado” por todos.

Ela está sentada a um canto do bar Portal do Céu, imperceptível inicialmente. Os demais presentes no bar “não vêem o que se exclui dela, porque toda ela está na sombra, seu corpo mergulhado na noite das trevas, só sua face está fracamente iluminada... ela vai tirando as roupas e ninguém vê que ela vai ficando nua na noite...” (1995: 67). Revela-se, então, com a luz da Lua, e inicia sua fala:

Senhoras e Senhores: estou aqui para vos falar de uma coisa que é fundamental e está presa à garganta de todo mundo, não sei se vós imaginais o que tenho para vos contar, tentarei vos explicar o que não se explica, não é nada fácil, mas há um grande mundo à parte, sempre escondido nas trevas das sombras, nas sombras da treva, nas areias do deserto da escuridão, um mundo desconhecido que vós talvez nem de longe conheceis, porque deliberadamente vos esquecestes... (1995: 67).

O discurso de Rosaura passa basicamente por considerações acerca do amor, do dinheiro, da memória e do esquecimento. O mundo de que ela fala é o mundo ocultado (e não oculto) das prostitutas, um mundo que todos conhecem, mas fingem não conhecer. Quando fala, Rosaura reclama a importância das prostitutas, como indivíduos que ainda guardam o primeiro sentido da existência humana, o amor, porque são as únicas que ainda o conhecem como ele é realmente. Em determinado momento de sua fala, ela reivindica:

nós, cujo nome deveria ser inscrito nas moedas pelo dom do amor que só se dá porque isso foi o que Deus criou com mais amor, pois é por esse amor que vêm os filhos, crescem as famílias, surgem os pais e as mães de todos os homens e de todas as mulheres (1995: 80).

Antes de falar propriamente do amor, trataremos da relação entre memória e esquecimento no episódio. Há uma referência direta a um procedimento histórico que privilegia certas camadas sociais em detrimento de outras através dos tempos. Quando Rosaura reclama que seu nome seja inscrito e lembrado entre os homens, ela sugere que a humanidade dignifica, por meio de suportes materiais (moedas, lápides etc.)², políticos ladrões e homens sem respeito, ao passo que prostitutas como ela, honestas ou não, estão fadadas eternamente ao esquecimento³:

Falo claro: aqueles que lidam com a réis pública no total das vezes são apenas ladrões disfarçados de homens honestos, uns relés “filadaputas” que querem apenas enriquecer, isso todo mundo sabe, é de inteiro conhecimento geral, e ninguém faz nada... (1995: 79)

O discurso de Rosaura, então, revela uma certa natureza do procedimento histórico: esquecer ou lembrar significam, na verdade, escolher aquilo que será lembrado ou não. O par esquecer/lembrar, nessa perspectiva, remete ao par revelar/ocultar, no qual a memória é uma espécie de revelação daquilo que está oculto, no domínio do esquecimento.

Marcel Detienne, em seu livro *Os Mestres da verdade na Grécia Arcaica*, aponta essa relação, na cultura grega, entre os pares memória/esquecimento, luz/obscuridade, louvor/censura, palavra/silêncio, traçando uma trajetória da “palavra cantada” na Grécia, ao final da qual os poetas trabalham, não mais em função da estrutura social, mas com “a missão de exaltar os nobres, de louvar os ricos proprietários” (1988: 15-23). Jaah Torrano (1992: 25), sobre o mesmo assunto, citando Heidegger, opõe os pares *aletheia* (verdade) e *lethes* (esquecimento): “desde as reflexões de Martin Heidegger estamos afeitos a traduzir *aletheia* por *re-revelação*, *des-ocultação*, ou ainda *não-esquecimento*.”

No romance, o discurso da memória que ilumina e garante posteridade aos nomes de autoridades, que louva os ricos e poderosos, vela sua intimidade que, da perspectiva social, é considerada pervertida. Já o problema da definição de “verdade” é algo muito mais complexo. A verdade, no caso do romance em questão, apontada por Rosaura, pode ser entendida como a revelação daquilo que está oculto: a hipocrisia de homens que, tendo vida pública notória, escondem seus baixos desejos e suas relações proibidas socialmente. A memória, nesse sentido, constitui-se como seleção, como manipulação de informações que articula o que pode ou não pode ser socialmente revelado, conforme a conveniência daqueles que ocupam o lugar de praticá-la⁴.

Pierre Janet “considera que o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (apud LE GOFF,

² Seria possível aqui discutir as diferenças entre memória e história, tendo em vista que a inscrição, o registro para a posteridade, é mais próprio do conceito de história, segundo Pierre Nora, no artigo *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. No entanto, “memória” é a palavra usada por Dickey no episódio e, portanto, ela será tratada nessa perspectiva da necessidade de manutenção de uma informação ao longo do tempo.

³ Incluem-se aqui também os indivíduos excluídos pela sociedade, como os trabalhadores simples, os desempregados e os deficientes, que também estão representados no romance, estão participando do mesmo momento que Rosaura e são a maioria dos componentes do grupo que atravessará o rito rumo a uma nova era da civilização.

⁴ Ambos, Detienne e Torrano, debruçam-se sobre o mesmo texto de Hesíodo, a *Teogonia*.

1994: 24). O comportamento narrativo diz respeito ao “contar da história”, que também se dá através da escolha do que será contado. É o que leva Jacques Le Goff a afirmar que:

tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. *Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva*” (1994: 424, grifo meu).

A memória pode ser entendida também como constituinte necessário ao funcionamento (e à própria existência) de nossas práticas sociais. É através dela, por exemplo, que se constroem as identidades individuais ou coletivas, baseadas no acúmulo das experiências vividas, ou se organizam (ou se organizaram) as noções de tempo e espaço. A memória é, juntamente com a linguagem, que é matéria pela qual a memória se transmite, uma faculdade que permite e visa a ordenação daquilo que se nos apresenta⁵:

Descendem daqui diversas concepções recentes da memória, que põem a tônica nos aspectos de estruturação, nas atividades de auto-organização. Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os restitui” (LE GOFF, 1994: 425).

Ela está na base das organizações sociais e, sendo elemento fundamental na constituição de referentes que permitem uma ordem social, é “carregada de positividade”. Aquilo que prejudica a evolução da memória é, pois, nessa perspectiva, elemento desprestigiado, negativo. O esquecimento é carregado dessa negatividade e, desde o início dos tempos, foi associado, como visto acima, à obscuridade e à ignorância. Esquecer um nome, uma senha, um episódio qualquer, algo importante a ser dito, traz sempre um sensação de incômodo para quem esquece. Nossa organização social é diretamente dependente do bom funcionamento da memória quando, por exemplo, temos constituições a serem observadas, sem contar os mandamentos ou orientações religiosas, éticas e morais, que devam ser lembradas para que se mantenha “harmonia” nas relações humanas.

O que leva a humanidade a privilegiar, por intermédio da memória, determinados elementos em detrimento de outros, é um fato que não é o objeto deste artigo. O que interessa aqui é partir já dessa contradição instituída e tratá-la como possível indicador para uma compreensão do que é o esquecimento no romance de Dicke. O discurso de Rosaura instaura, desde o início, a existência de pelo menos dois mundos: o mundo que todos conhecemos e um outro, desconhecido, do qual “nos esquecemos”.

Deve-se tomar cuidado com o referente de mundo e de estrutura social que estamos tomando para poder realizar esta análise. Culturas diversas apresentam estruturas sociais diversas. A fala de Rosaura, ao denunciar “tantos desmandos”, parece se dirigir mais à cultura ocidental, apesar do romance estar permeado de aspectos de outras culturas, principalmente orientais. De qualquer forma,

⁵ Note-se que a memória é uma capacidade involuntária, na medida em que é impossível (em condições normais) evitar-se o reconhecimento e o armazenamento mental de algo recorrente, como o nascer do sol todos os dias, um som qualquer que se repete, ou um rosto visto mais de uma vez.

tratando com culturas distintas em um só rito complexo, colocando na mesma cena deuses gregos, judaicos, hindus etc., Dicke parece buscar algo que atravessa todas as culturas.

Na perspectiva da oposição revelação/ocultação, colocada acima, os dois mundos são, na verdade, duas faces de um mesmo. Rosaura narra o episódio que motivou a sua fala:

Só vos quero lembrar uma coisa: falo isso porque numa noite o ex-presidente do Conselho, sumo-sacerdote do grão poder passava numa comitiva festiva, régia e sequital e tal coisa que todos sabem, com motocicletas ao lado e tudo o mais, essa exibição de autoridade, esse abuso de opulência, esse desprezo pela miséria da realidade do nosso povo, cheia de fitas e balangandãs, pela rua humilde do meu bordel, e mandou todo mundo parar de repente, pediu licença por um instante aos seus flâmulos e áulicos e veio até minha cama, se dignou entrar no meu quarto que não tolera falsidade, onde eu estava adormecida, depois de um dia cheio de trabalho e de suor, chegou até onde eu estava e me destampando do cobertor me abraçou assim sem mais nem menos e me pediu para amá-lo urgentemente, que senão ele morria de amores, havia ouvido falar de mim por seus arcontes, ele queria saber quem era Rosaura do Espírito Santo que um dos seus grão-vizires lhe havia dito de mim... (1995: 81)

Essa passagem é fundamental para o entendimento de todo o discurso da prostituta. É o momento em que os dois mundos se encontram e se fundem, mesmo que por um instante. É o lugar que não tolera falsidade, pois consiste justamente no ponto em que a imagem social produzida pela memória sucumbe à realidade oculta. O ex-presidente do Conselho é representante do mundo construído pela memória, com suas hierarquias e organizações constituídas e reforçadas através dos tempos. Rosaura é a representante de um mundo que se mantém menos pela ação da memória do que pela força e espontaneidade de sua própria existência. O “primeiro mundo” é a realidade dos homens que Rosaura denomina como mármore, “uma matéria dura, insensível, como a pedra, que não sente dor nem alegria, de que se fazem estátuas e campas” (1995: 77). O desejo da posteridade está marcado nos próprios homens de mármore, que é o material usado em lápides ou estátuas, objetos que objetivas perpetuar a imagem e a lembrança de algo ou alguém. O mundo de Rosaura, por mais esforço que se faça por extingui-lo ou ocultá-lo, permanece sempre, como se fosse necessário ao equilíbrio e ao bom funcionamento do outro. No episódio, uma autoridade sacerdotal, marcada pelo celibato obrigatório indicador da pureza e do desprendimento das coisas mundanas, rende-se às sensações da vida do outro mundo, de uma prostituta, marcada pela mácula da carne, necessitando ser amado urgentemente.

A partir deste ponto, é possível dizer que o episódio de Rosaura, assim como o próprio romance, permite relativizar o par revelação/ocultação. Ocorre que as considerações trazidas à luz até aqui ainda se dão a partir de referentes construídos pela memória. O mundo de Rosaura, nesse sentido, ainda não seria o do esquecimento propriamente, porque ele continua lá e as pessoas ainda se lembram dele, ainda notam sua presença. Ele é somente o que ainda se omite, por exemplo, no comportamento narrativo da história, para a posteridade. Ele é o que se omite ainda nas campas e estátuas, mas não está esquecido no presente. O que marcaria um verdadeiro esquecimento pertence a uma dimensão ainda intocada pela construção mnemônica e à qual a humanidade retorna, ao final do romance, para que possa se refazer. O esquecimento seria relativo a um âmbito fora da atividade mnemônica.

O elemento no romance que caracteriza o esquecimento é justamente o amor. Não o amor sacralizado e idealizado do mundo do sacerdote, mas o simples amor pelo qual todos vêm ao mundo, segundo Rosaura, e que ela resume ao sexo:

Não há outro jeito para se nascer neste mundo: mundo onde nascem do mesmo sexo comum a todas as mulheres, da mesma comunidade de foro por regra de Deus tanto os ricos e poderosos quanto os miseráveis e as putas como nós. Sexo igual para todos, é a sagrada lei. (1995: 80)

Pelo sexo todos se equivalem na natureza, independentemente de sua classe social, justamente porque tudo o que se refere ao social é relativo ao mundo construído pela memória. Quando Rosaura diz sexo, ela resgata a atividade primordial da reprodução, independente de sentimentos abstratos que a envolvam. O simples sexo, desejado antes pelo puro instinto. Esse foi o desejo do sacerdote ao se deitar com Rosaura, sufocado há tanto tempo. Esse é, também, o conhecimento de Rosaura acerca da vida. Ela já “encontrou seu lugar reservado na autoridade natural dos tempos” (1995: 67) e não se importa se não há lugar para si mesma no mundo dos homens de mármore. O sexo traz a imagem da vida mais elementar e natural, de uma necessidade básica do ser humano.

O esquecimento seria, assim, o domínio do natural, sempre inalcançado pela memória e pela linguagem, e que sempre vai latejar quando a razão tentar sufocar as vontades mais inerentes ao corpo. Ele está antes e depois da memória, considerando-se esta é faculdade e tentativa de ordenação dos elementos naturais incontroláveis. E mesmo que não haja um retorno ao “esquecimento primordial”, como o há nas “cerimônias do esquecimento”, em vários momentos somos impelidos por ele a agir, quando opera em nós uma afetividade inexplicável, ou quando as próprias estruturas criadas pela memória dão sinais de sua fragilidade.

REFERÊNCIAS

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Cerimônias do Esquecimento**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995.

HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.